

CONTEÚDO MIDIÁTICO DO JORNALISMO INDEPENDENTE:
UMA ANÁLISE DO *MÍDIA NINJA*
DURANTE AS MANIFESTAÇÕES DE 2013

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)
drfortuna@hotmail.com

Augusto Vinícius Dias de Oliveira (UNIGRANRIO)
drfortuna@hotmail.com

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima (UENF)
jacapili.jl@gmail.com

Dostoiewski Mariatt de O. Champangnatte (FacMais e UniAlfa)
prof.tico@gmail.com

RESUMO

Este trabalho, inscrito no GT “Educação e Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação”, visa a pesquisar a relação da imprensa alternativa e as manifestações de junho e julho de 2013 através da análise da cobertura jornalística realizada pelo *Mídia Ninja*, que utilizou a internet para transmitir em tempo real as manifestações. Para tanto, serão analisadas algumas gravações das transmissões do coletivo. O foco da investigação serão as matérias dos dias 11 de junho e 29 de julho. As transmissões foram escolhidas por serem uma das primeiras de junho e a última de julho. O trabalho objetiva ainda analisar a influência da *internet* na cobertura jornalística das manifestações, especificando, principalmente, o papel do jornalismo independente durante as manifestações. Busca ainda refletir sobre a disputa discursiva entre a televisão e a *internet*, procurando elementos para compreender a crise de representação da mídia tradicional e o papel das novas mídias interativas.

Palavras-chave:

Discurso. *Mídia Ninja*. Jornalismo independente.

RESUMEN

Este trabajo, inscrito en el GT “Educación y Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación”, tiene como objetivo investigar la relación entre la prensa alternativa y las manifestaciones de junio y julio de 2013 a través del análisis de la cobertura periodística realizada por *Media Ninja*, que utilizó internet para transmitir las demostraciones en tiempo real. Para ello, se analizarán algunas grabaciones de las retransmisiones del colectivo. El foco de la investigación serán los artículos del 11 de junio y 29 de julio. Las transmisiones fueron elegidas porque son una de las primeras en junio y la última en julio. El trabajo también tiene como objetivo analizar la influencia de Internet en la cobertura periodística de las manifestaciones, concretando, principalmente, el papel del periodismo independiente durante las manifestaciones. También busca reflexionar sobre la disputa discursiva entre televisión e internet, buscando elementos para comprender la crisis de la representación de los medios tradicionales y el papel de los nuevos medios interactivos.

Palabras clave:

Discurso. Media Ninja. Periodismo independente.

1. A ascensão da Internet como um novo meio de comunicação

A virtualidade do ciberespaço e a popularização dos meios de produção de conteúdo tornaram a internet o ambiente adequado para um novo modelo de mídia, mais participativo que outros meios midiáticos. Segundo Henry Jenkins (2009, p. 30), “em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados podem agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo.”. Este conceito de mídia participativa concentra-se na ideia do interlocutor em constante interação e negociação de significados. De acordo com Araujo:

A comunicação opera ao modo de um mercado, onde os sentidos sociais – bens simbólicos – são produzidos, circulam e são consumidos. As pessoas e comunidades discursivas que participam desse mercado negociam sua mercadoria – seu próprio modo de perceber, classificar e intervir sobre o mundo e a sociedade – em busca de poder simbólico, o poder de constituir a realidade. (ARAUJO, 2003, p. 170)

Na *internet*, a produção de conteúdo está em constante convergência, produtores e público estão em interação frequente, ressignificando a obra coletivamente. Assim, a interação on-line torna-se base de uma inteligência coletiva de informações que são utilizadas cotidianamente. Para Jenkins (2009, p. 32), “se o paradigma da revolução digital presunha que as novas mídias substituíram as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas”. Seguindo este conceito, produtos da mídia tradicional como o jornalismo ganham novas perspectivas na internet, transformando-se em uma obra em permanente expansão, com atualizações constantes e a interação com o público.

A ocupação de espaços públicos e o uso das novas mídias e das redes sociais para divulgação do movimento e publicização das imagens das manifestações e ocupações caracterizam os movimentos que tiveram início em junho de 2013 e a sua relação com o uso das mídias digitais. A *internet* e as tecnologias de comunicação, como os *smartphones*, foram utilizados como peças de convocação de novos participantes e denúncia dos abusos do Estado. Assim, diferentemente dos movimentos sociais pré-internet, eles formaram um coletivo diverso conectado pelo espaço

virtual.

Está claro, o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga, um movimento potente e cada vez mais vigoroso, não converge sobre um conteúdo particular, mas sobre uma forma de comunicação não midiática, interativa, comunitária, transversal, rizomática... (LÉVY, 2011, p. 134)

Por seu caráter político-ideológico e contestador do *status quo*, as mídias alternativas brasileiras estão próximas aos movimentos sociais. Segundo Peruzzo (2006), “entenda-se por comunicação alternativa uma comunicação livre, ou seja, que se pauta pela desvinculação de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e/ou político-conservador”. Assim, a mídia alternativa desloca a ordem do discurso, sendo o canal de setores vulneráveis da sociedade, subvertendo a ordem hegemônica de comunicação proposta pela mídia televisiva e os conglomerados de notícias.

A popularização da internet como meio de divulgação democratizou em certa medida o uso das imagens e das informações, pautando e sendo utilizada como fonte para matérias da grande mídia. Apesar disto, a *internet*, de maneira geral, tende a esvaziar as discussões, utilizando as imagens de maneira espetacular, resignificando seu teor. Segundo Rene Huyghe (*Apud* SODRÉ, 1986, p. 144) “se a imagens, em nossos dias, suplantam o texto, e se a vida sensorial tende a tomar o lugar que ocupava a vida intelectual”, estas (as imagens) acabam, muitas vezes, tendo como função as trocas rápidas de mensagens, reduzindo palavras a sílabas e sentimentos a figuras.

Nesse sentido, a produção das imagens das mídias alternativas se diferencia justamente por buscar abertura de discussão, apesar de utilizar a linguagem do espetáculo. Por isso, apesar de apresentarem uma proposta diferente da mídia hegemônica, podem ser cooptadas para este objetivo, reduzindo seus elementos divisórios e homogeneizando a discussão.

Os questionamentos à mídia hegemônica e à questão da popularização da *internet* estimularam o surgimento e difusão de novos coletivos jornalísticos independentes pela internet após junho de 2013. Jornais como o *Nexo Jornal*, *Jornalistas Livres* e o *The Intercept Brasil* – que nasce nos Estados Unidos, mas recebe uma versão nacional após 2013 –, além de outros veículos, surgem como alternativas aos grandes conglomerados jornalísticos brasileiros. Entre eles, o Mídia NINJA⁶⁶ (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) se destacou na cobertura dos protes-

⁶⁶ No texto, apresentamos a grafia utilizada pelo próprio veículo.

tos de 2013.

O coletivo é liderado pelo jornalista Bruno Torturra e é uma divisão do Coletivo Fora do Eixo, surgido no final de 2005, que atuava em eventos culturais, sob o comando do produtor Pablo Capilé. Utilizando unicamente a internet como meio de comunicação e celulares como ferramenta, o coletivo jornalístico e seus colaboradores - que não têm formação específica em jornalismo - cobriram ao vivo os protestos de junho de 2013 fazendo uso das redes sociais, especificamente o *Facebook*. Segundo reportagem escrita por Camilla Costa, na BBC Brasil, o coletivo conseguiu cerca de 100 mil espectadores na noite de 18 de junho de 2013.

Diferentemente de outros veículos da mídia tradicional, que convergiram seu conteúdo para a internet, o Mídia NINJA nasce na própria internet e se alinha com o modo de produzir conteúdo *on-line*.

O Jornalismo - assim como a ciência - apoiou-se historicamente na noção de imparcialidade como forma de ter credibilidade e legitimidade. Contudo, com uma nova lógica de troca de conteúdo e com novas possibilidades de audiência, mais do que buscar uma única "verdade" para os fatos, temos hoje uma multiplicidade de leituras e possibilidades, e isso é o que qualifica atualmente o conteúdo e é à base da troca de informação e credibilidade. (MÍDIA NINJA)

A rejeição à mídia tradicional entre os manifestantes contribuiu para que o coletivo ganhasse a confiança e o apoio dos militantes e manifestantes. O Mídia NINJA revelou uma nova perspectiva dos acontecimentos, declaradamente parcial e a favor das manifestações, uma característica incomum para um veículo jornalístico e para a população acostumada ao noticiário televisivo.

Esta visão jornalística engajou um público que compartilhava das perspectivas do Mídia NINJA. A virtualidade do meio de comunicação impulsionou o Mídia Ninja para um novo modo de interação com a notícia, com os internautas participando ativamente da transmissão, discutindo, observando, criticando e interagindo em tempo real com a transmissão da informação.

Entretanto, o imediatismo da cobertura dos autointitulados NINJAS, nas manifestações de junho de 2013 vai ao encontro da mídia veloz e quase superficial que são as redes sociais, em especial o *Facebook*. Agindo como contraponto da grande mídia, os NINJAS, nas manifestações, denunciaram excessos da polícia, com transmissões que duravam horas: sem textos, sem edições, sem análise política, apenas a descrição

da situação pelo repórter no primeiro momento e fotos no *Facebook* em seguida.

Embora tenha sido um contraponto à mídia hegemônica, não podemos deixar de refletir sobre a questão da imagem como espetáculo, potencializado pela velocidade a alcance da internet. De acordo com Llosa (2013):

Uma das consequências de transformar o entretenimento e a diversão em valor supremo de uma época é que, no campo da informação, isso vai produzindo, imperceptivelmente, uma perturbação subliminar das prioridades: as notícias passam a ser importantes ou secundárias, sobretudo, e às vezes exclusivamente, não tanto por sua significação econômica, política, cultural e social, quanto por seu caráter novidadeiro, surpreendente, insólito, escandaloso e espetacular. (LLOSA, 2013, p. 47)

A superficialidade esvazia a notícia, tornando-a um recorte do momento, capaz de despertar diferentes emoções do interlocutor. Neste contexto, a notícia não passa de uma imagem esvaziada de sentidos para vender o espetáculo que ela representa – um simulacro da realidade, grandioso e inacessível, vivido virtualmente pelo receptor através dos meios de comunicação.

Assim, é possível observar a espetacularização da imagem como principal linguagem atualmente. Segundo Debord (1997, p. 191), “Nos pontos essenciais, ele [o indivíduo] obedecerá à linguagem do espetáculo, a única que conhece, aquela que lhe ensinaram a falar. Ele pode querer repudiar essa retórica, mas vai usar a sintaxe dessa linguagem”. É possível considerar que a afirmação de Debord se relaciona às contradições narrativas entre as práticas dos grandes conglomerados jornalísticos e parte das mídias emergentes. Embora estas, muitas vezes, critiquem as chamadas mídias hegemônicas, não deixam de estar inseridas na “sociedade do espetáculo”. Assim, as mídias alternativas também se utilizam do espetáculo como forma de comunicação, principalmente as que fazem uso das redes sociais como principal veículo.

Isso posto, cabe agora apresentar a análise das matérias selecionadas como *corpus* deste trabalho.

2. *Ninjas nas ruas e na Internet*

Para analisar as transmissões realizadas pelo Mídia NINJA entre junho e julho de 2013, será utilizada como base metodológica a obra *Análise crítica da narrativa*, de Luiz Gonzaga Motta. O autor propõe que:

Na análise da mídia, precisamos colocar o foco no processo de comunicação narrativa, na atitude e na posição do narrador, em suas intencionalidades e estratégias, seu papel mediador, nos dêiticos e implicaturas, nos efeitos de sentido possíveis e em outros aspectos de processo integral de comunicação narrativa. (MOTTA, 2013, p. 92)

Assim, seguindo as orientações de Motta, analisaremos como se dá o processo de comunicação narrativa e quais parecem ser as intenções e estratégias dos narradores da notícia, principalmente no que diz respeito ao seu papel como mediadores.

Como *corpus* da pesquisa, optamos por analisar duas transmissões que foram exibidas ao vivo pelo Mídia NINJA: a primeira datada do dia 11 de junho de 2013, e a última datada do dia 29 de julho. Tal opção se deu porque, dessa forma, é possível entender como foram os primeiros momentos da cobertura, bem como os momentos finais.

Ao contrário do modelo clássico do texto jornalístico, que utiliza o chamado lead clássico e a pirâmide invertida, a transmissão do Mídia NINJA não apresentava nenhum tipo de hierarquização do conteúdo ou edição. Assim, o veículo acompanhou as manifestações em tempo real, de maneira quase documental. A cobertura do dia 11 de junho de 2013 aconteceu na avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, e durou cerca de três horas e 26 minutos, com pequenas interrupções devido às limitações da tecnologia 3G, e recebeu cerca de 11.825 comentários dos espectadores. Os vídeos e as mensagens foram armazenados no site *twitcasting*⁶⁷. Vale ressaltar a baixa qualidade de vídeo da transmissão, que foi feita por celulares e a rede 3G.

3. O 11 de junho de 2013

Por serem transmitidos ao vivo, os protestos se tornaram uma experiência interativa e cronológica. Isto é, como afirmam Sodré e Ferrari (1986), trata-se de um tipo de narrativa que se constrói em um esquema diferente do esquema da “pirâmide invertida”, “hoje obrigatório na redação de notícias [impresas], em que os fatos se hierarquizam por ordem de importância”. A princípio, o repórter faz questão de exibir pequenos gestos dos manifestantes. Um exemplo é uma cena em que eles ajudam um vendedor de doces que teve suas mercadorias derrubadas e outro é quando mostram a palavra paz escrita pelos manifestantes no chão.

⁶⁷ https://en.twitcasting.tv/midianinja_rj/show/92-15363001.

Desde o início, o repórter do Mídia NINJA assume o papel de narrador da manifestação sem uma pauta clara, sendo orientado pela movimentação do grupo *Black Bloc*⁶⁸ e pelos internautas que interagem ao vivo por meio do *chat*.

O público não é mais passivo, hoje existe a possibilidade de comentar e de difundir a informação. Isso também afeta o trabalho do jornalista, que acaba possuindo um papel diferente, não está mais num pedestal. Não é mais só o jornalista que fala. A relação hoje em dia é muito mais interativa. Por outro lado, isso gera uma crise de identidade: se todo mundo pode ser jornalista, o que é, de fato, ser jornalista? Onde está a especificidade de um jornalista, se qualquer pessoa pode sê-lo? (ROMANET, 2012)

Em determinado momento, o repórter NINJA verbaliza as mensagens em apoio ao *Black Bloc*, dizendo: “As ruas apoiam o movimento *Black Bloc*”. Posteriormente, comenta, durante uma interação ao vivo pelo *chat*, sobre o número de bandeiras vermelhas e de união de trabalhadores no protesto, enfatizando a pouca quantidade de bandeiras do Brasil.

Dessa forma, o Mídia NINJA é abertamente parcial em seu fazer jornalístico, e esta parcialidade é aceita pelo público como característica própria do veículo: “Defendemos abertamente a parcialidade enquanto um princípio de nosso trabalho, por acreditar que nenhuma construção humana é capaz de ser imparcial, já que resulta da soma e do acúmulo de todas as suas experiências anteriores e de nossas visões de mundo⁶⁹”. Esta parcialidade aberta vai ao encontro do jornalismo ativista exercido pelo Mídia NINJA, que se contrapõe às mídias tradicionais que, embora também não sejam imparciais, buscam disfarçar sua posição apresentando um discurso aparentemente asséptico.

A posição parcial do Mídia NINJA expressa o objetivo aberto de construção de realidade a partir da narrativa jornalística, sendo o modelo “sem cortes, sem edição” também um artifício de convencimento criado em função de uma “estratégia narrativa”. Nesse sentido, Motta afirma que:

[...] a comunicação narrativa faz parte de um projeto argumentativo no qual os sujeitos interlocutores se envolvem em jogo de construção da realidade, e que o sentido provém não só do conteúdo, mas também dos arti-

⁶⁸ A expressão designa uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato, graças, em parte, às máscaras e roupas pretas. Embora os *Black Blocs*, por vezes, recorram à força para exprimir sua crítica radical, eles costumam se contentar em desfilar calmamente.

⁶⁹ <http://midianinja.org/perguntas-frequentes/>.

Com isso, é possível perceber que a mídia hegemônica demonstra cuidado na edição das imagens, até mesmo em função do curto tempo disponível para transmissão das notícias.

Ao nos referirmos à notícia, cabe recorrermos a Motta novamente. Segundo o autor: “o texto dessas notícias é *enxugado* de qualquer manifestação subjetiva e mantém uma proximidade definitiva como referencial empírico. A intenção é produzir o efeito de realidade, a veracidade” (MOTTA, 2013, p. 96). Neste contexto, a intenção do Mídia NINJA parece ser construir o mesmo efeito de realidade, substituindo a “edição e a imparcialidade” das mídias hegemônicas para o “sem corte e sem edição” - uma abordagem que a internet tornou possível em função de sua consolidação e também porque não precisa obedecer a critérios de edição, como tempo e espaço. Assim, as imagens mostram as vaias e gritos dos protestantes durante a execução do hino nacional. As palavras de ordem eram: “sem moralismo”, o que revelava o caráter pouco patriótico da mobilização.

Outro exemplo acontece em uma interação online, quando o repórter afirma que a maioria dos policiais presentes no cordão de isolamento está com identificação. Nesse momento, o repórter afirma que, em manifestações anteriores, os policiais escondiam o rosto com toucas ninjas, não apresentando nenhum tipo de identificação. Em seguida, comenta a hipocrisia das forças policiais se esconderem sob as máscaras e o fato de os manifestantes que se utilizam do mesmo artifício serem enquadrados como marginais.

Em um segundo momento da transmissão, o repórter comenta sobre a negociação entre os representantes do *Black Bloc* e os policiais, criticando a postura da polícia. Em outro momento, o jornalista reclama dos moradores dos prédios que jogam balões com água nos manifestantes. De acordo com Motta,

Por mais real que possa parecer [...] o personagem é sempre uma criação, uma invenção do discurso narrativo, mesmo baseada em pessoas reais. É um ser que pertence à estória, só existe no enredo e pelo que fazem ou dizem no relato. (MOTTA, 2013, p. 173)

Nesse sentido, a cobertura realizada pelo Mídia NINJA, segundo a qual os *Black Block* atuariam como negociantes da manifestação, contribuiu para a construção de um personagem que procura resolver embates, utilizando o diálogo. Tal enquadramento contradiz as principais narrati-

vas, apresentadas pelas mídias hegemônicas, que os colocam como a força violenta das manifestações.

Nesse ponto da cobertura, é interessante ressaltar que não é possível, devido aos gritos da manifestação, saber o teor da conversa entre os policiais e o representante do movimento *Black Bloc*. A única fonte que confirma que está havendo negociações é o repórter do Mídia NINJA. Isso revela a fragilidade deste modelo de cobertura que, devido ao imediatismo e ao ambiente conturbado, precariza a averiguação de informações e, ao mesmo tempo, dá ao jornalista o poder de “(...) significação, minimamente, coerente e constante...” do simulacro que é a transmissão ao vivo (MOTTA, 2013, p. 78). Assim, embora atue como um contraponto à mídia hegemônica, não é possível saber até que ponto a narrativa do Mídia NINJA é, de fato, verossímil.

Na noite do mesmo dia, um policial foi convocado para apartar uma confusão entre os manifestantes, mas a abordagem violenta dá início a um confronto generalizado. Segundo o repórter, “a polícia chegou para apartar a briga e arranhou mais briga”. Na cena, podemos escutar ao fundo um manifestante em um carro de som que pede paciência à polícia enquanto bombas são estouradas na rua. Ao som do hino nacional, o repórter inicia a narração: “pedra sendo atirada”; “a polícia taca bomba e o pessoal corre para cima”; “os manifestantes atacam e a polícia vai para cima”. Durante a confusão, um policial pede para que o repórter se retire do local. Após trinta minutos, o Ninja denuncia a violência do policial, que atirava em direção à imprensa. Este é o ponto de virada da transmissão. Segundo Motta,

Na narrativa, conflito político é estrategicamente textualizado pelo narrador em um projeto dramático. Ele funciona como um frame, um marco ou enquadramento que se apropria da complexa realidade e a relata de determinada maneira. (MOTTA, 2013, p. 168)

Este complexo cenário é o “frame dramático” da transmissão. A partir dela, se inicia a narrativa do conflito, mudando o tom da transmissão para a construção da dualidade – nesse caso, manifestantes *versus* polícia. Nesse momento, o repórter passa a seguir e narrar a ação da polícia, flagrando a chegada da tropa de choque. Posteriormente, será reportado que os policiais estão sem identificação e usando touca ninja.

O repórter passa a ser, por muitos momentos, um observador da ação da polícia, verbalizando o que é captado pela câmera e questionando diretamente aos policiais quando acontecia a apreensão dos manifestantes. Em outros momentos, o repórter menciona protestos anteriores como

exemplo para reafirmar uma posição crítica de denúncia no que diz respeito ao excesso de violência empregada pela polícia. Apesar das críticas às forças policiais, o repórter, na maior parte do tempo, assume o papel de narrador realista.

Momentos mais tarde, o repórter indica a chegada do batalhão de choque usando touca ninja e sem identificação e alerta: “vamos tentar não ser agredidos pelo batalhão de choque”. Poucos minutos depois, o repórter do Mídia NINJA flagrou um policial sem identificação, filmando a ação dos manifestantes. Durante a interação on-line, internautas avisam que está havendo conflito na Lapa, região central do Rio de Janeiro, e orientam para onde o repórter deve ir. O internauta Rayan Nihill, por exemplo, comentou: “Manifestantes estão encurralados na Lapa, onde permanece o confronto.”.

Em determinado ponto da transmissão, o repórter do Mídia NINJA é atacado pela polícia com spray de gás de pimenta e gás lacrimogêneo. Nesse momento, o repórter se torna vítima e narrador da estória, reforçando a imagem repressora e violenta da polícia. A partir do instante em que o repórter assume o papel de vítima na transmissão, deixa de ser o narrador realista para assumir o papel de personagem.

Após ser socorrido, o repórter volta a narrar alguns momentos depois: “estes policiais totalmente despreparados (...) espero profundamente que tenha filmado quem foi o desgraçado que jogou isto em mim”. Este momento exemplifica a importância do personagem na narrativa jornalística:

A personagem noticiosa traduz uma mimese rudimentar que facilita os efeitos de identificação, porque reduz a complexidade dos seres retratados, procurando sempre exemplificar, ilustrar e confirmar repetitivamente os traços dos quais partiu a descrição inicial. (MESQUITA *apud* MOTTA, 2013, p. 193)

Neste sentido, o repórter se iguala aos manifestantes que sofreram a ação da polícia como vítima e reforça o papel de agressores das forças policiais.

É possível afirmar que o poder da imprensa se fortalece porque esta assume o papel de mediação e de construtora de sentidos. Assim, o repórter do Mídia NINJA fez uso deste poder para neutralizar possíveis respostas violentas por parte do estado.

Depois de algum tempo, em função de problemas técnicos, há uma troca de repórter. A transmissão continua, e a nova repórter, ao con-

trário do primeiro, que narrava a ação da polícia, apresenta uma postura mais ativa ao entrevistar os manifestantes. Estes, por sua vez, denunciam que há “P2” no local – ou seja, policiais infiltrados que incitam a violência para justificar a ação repressora da polícia –, e que estes estariam fazendo uso de gás lacrimogêneo em frente à Casa de Saúde Pinheiro Machado, em Laranjeiras, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Nesse momento, é possível observar a invasão do hospital em busca de manifestantes que se refugiaram lá dentro. As imagens mostram 22 manifestantes sendo presos. Uma segunda voz pede para que os advogados que estão na região os auxiliem. Alguns minutos depois, um representante da OAB aparece para acompanhar o caso. O repórter oferece as imagens da gravação para auxiliar na acusação, colocando o advogado como um agente ativo em favor dos manifestantes.

Como afirmamos anteriormente, a elaboração do efeito de realidade do Mídia NINJA é apresentada pelo modelo “sem cortes e sem edição” que transmitiu ao vivo por horas as manifestações do Rio de Janeiro. Apesar de aparentemente mais transparente, cabe ressaltar que as imagens são sempre acompanhadas pela percepção do repórter da situação, que é reforçada por seu discurso e por suas escolhas dos ângulos das imagens e do que mostrar ou não. Assim, o ponto de vista dos policiais não foi transmitido na cobertura, revelando a unidimensionalidade da narrativa.

O Mídia NINJA utilizou o espetáculo e a construção de narrativa como forma de cobertura. Segundo Debord: (1997 p. 10) “O espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão massiva de imagens. Ele é bem mais uma *Weltanschauung*⁷⁰ tornada efetiva, materialmente traduzida. É uma visão do mundo que se objetivou.” Neste sentido, é praticamente impossível a não espetacularização, mas a principal diferença entre a mídia hegemônica e as mídias alternativas é forma que utilizam as estratégias do espetáculo. Assim, os repórteres do Mídia NINJA, ainda que de maneira parcial, convidam os espectadores a vivenciarem a manifestações e tirem por si mesmos suas próprias conclusões.

⁷⁰ Cosmovisão (tradução livre).

4. O 29 de julho de 2013

Manifestantes do Movimento Ocupa Cabral passaram a madrugada do dia 29 do para o dia 30 de julho de 2013 em frente ao prédio do então governador do Rio de Janeiro, Sergio Cabral, localizado no Leblon, bairro da Zona Sul do Rio. A mobilização reivindicava a localização do pedreiro Amarildo Souza⁷¹, o impeachment do governador e a abertura de CPIs para apurar gastos com a Copa do Mundo de 2014⁷².

A transmissão durou quatro horas e teve 9.764 visualizações e 1977 comentários. A gravação e os comentários estão disponíveis no *site twitcasting*⁷³.

A cobertura do dia 29 de julho consistia basicamente em entrevistas aos manifestantes durante a manifestação. Ao longo dos primeiros vinte minutos de transmissão, o repórter do Mídia NINJA, um manifestante e uma feminista que usava uma máscara preta debateram com um monarquista sobre formas de governo e o papel da mulher na sociedade. As perguntas do repórter vinham principalmente do *chat on-line*. A pedido dos interlocutores que assistiam à transmissão ao vivo, o repórter parou de transmitir o debate para filmar um músico que estava na manifestação.

Na noite do dia 29 de julho de 2013, o repórter não estava no protesto como um agente imparcial, mas como mais um manifestante, gritando palavras de ordem como os outros presentes. A proposta da manifestação era passar a noite em frente ao prédio do ex-governador Sérgio Cabral. Segundo o site G1¹², esta manifestação reuniu cerca de 30 pessoas. Assim, os manifestantes, durante a noite, receberam alimentos e agasalhos de moradores e apoiadores. Os alimentos foram consumidos entre eles e o repórter da Mídia Ninja. O que sobrou foi doado para moradores da Rocinha.

Neste contexto, a mobilização foi tranquila. Na cobertura, é possível ver trechos nos quais os manifestantes cantavam, debatiam e comiam. O papel do Mídia NINJA consistia em transitar nesse espaço intera-

⁷¹ Amarildo Souza de 43 anos, morador da Rocinha, desapareceu após ser levado para prestar depoimento no contêiner da UPP, durante a Operação Paz Armada, que investigava o tráfico na comunidade.

⁷² <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/ocupa-cabral-promete-outra-noite-em-frente-casa-do-governador-do-rj.html>.

⁷³ https://en.twitcasting.tv/midianinja_rj/show/73-16307779.

gindo e conversando com os manifestantes. Com isso, o foco não era exatamente um grande evento, mas a interação entre o repórter do Mídia NINJA e os manifestantes.

Nesse cenário, não existe um personagem principal “uma figura central da narrativa”, um “eixo do conflito em torno qual gira toda a intriga” (MOTTA, 2013, p. 174). Mas uma abordagem descentralizada em que o centro de interesse é mudado de acordo com os acontecimentos da manifestação e os pedidos do público na *internet*.

O objetivo da cobertura parece ter sido humanizar os protestantes que, de maneira geral, são apresentados como vilões das situações, personagens muitas vezes utilizados para despertar o interesse dos receptores pelas matérias da grande mídia. Nesse modelo de cobertura, o repórter foi um mediador entre a manifestação e os internautas.

Parte da interação do repórter do Mídia NINJA com os manifestantes perpassava pelo grifo do interlocutor que assistia pela internet, como um *reality show* em tempo real em que o internauta decide o que lhe interessa assistir e o que perguntar.

Esta relação entre o repórter, o público e os manifestantes só é possível por meio da tecnologia de internet móvel, que tende a horizontalizar as relações entre o transmissor e o receptor de conteúdo, uma relação antes impossível. Desta maneira, a construção da narrativa e significado são compartilhados entre os espectadores e o repórter.

Nesse sentido, cabe citar Pierre Lévy, que já no final dos anos 1999 já previa as potencialidades do ciberespaço:

A verdadeira democracia eletrônica consiste em encorajar, tanto quanto possível graças às possibilidades de comunicação interativa e coletiva oferecidas pelo ciberespaço, a expressão e a elaboração dos problemas da cidade pelos próprios cidadãos, a auto organização das comunidades locais, a participação nas deliberações por parte dos grupos diretamente afetados pelas decisões, a transparência das políticas públicas e sua avaliação pelos cidadãos. (LÉVY, 2011, p. 185)

Pela instantaneidade do *feedback* do internauta, o público estava parcialmente guiando os passos do repórter do Mídia NINJA. Neste processo, a disputa de ponto de vista do relato jornalístico é ignorada para refletir a vontade do espectador: Segundo Motta, “O relato jornalístico é o produto possível entre pontos de vistas alternativos na correlação das forças que se confrontam permanente nas páginas e telas: elas disputam o poder da voz” (MOTTA, 2013, p. 110)

Assim, o que era transmitido parecia ser importante para o espectador que estava engajado na transmissão. O objetivo parecia ser seduzir a audiência, dando a ela o poder de condução da cobertura. Mostrar eventos e fatos obedecendo à vontade de quem assiste é uma maneira eficiente de mobilizar e fidelizar o público.

Durante a transmissão, uma manifestante recebeu uma cópia da constituição de 1988 do grupo Anonymous, um grupo de hacktivismo digital, para a leitura, reforçando a legalidade da reunião. Na ocasião, a leitura foi feita por ela primeiro para a câmera do Mídia NINJA e, em seguida, para os que estavam presentes na manifestação, reforçando o papel de mediador do repórter em relação aos receptores que estavam acompanhando a cobertura na *internet*.

Ao longo da transmissão, repórteres de canais como Record, Band e Rede TV também fizeram matérias sobre a mobilização. O repórter do Mídia NINJA entrevistou um motorista e um cinegrafista da Rede TV. O cinegrafista, que não revelou a identidade, quando questionado sobre a manifestação respondeu:

Estão em um movimento bacana, mas tem que evitar que meia dúzia estrague com o movimento de vocês... estragando a imagem de vocês em relação a terceiros e a gente (imprensa) também... aí o (povo) vai para cima dos órgãos de imprensa em geral... não sabe distinguir quem está trabalhando e quem está divulgando.

O cinegrafista parecia querer enfatizar uma não legitimidade do Mídia NINJA, afirmando que o coletivo estava fazendo “divulgação” de um movimento e não um “trabalho”. Em entrevista, um manifestante afirmou que a polícia estava pronta para uma guerra civil com eles e que sua única arma era o Mídia NINJA: “o único lugar que tenho para falar é o Mídia NINJA. Os outros veículos de imprensa colocam luz na nossa cara e fazem entrevistas que levam a lugar nenhum”.

A não confiança na mídia tradicional também é compartilhada pelo motorista do carro de reportagem da Rede TV. Quando questionado se a grande mídia distorce os fatos ele respondeu: “Dá uma distorcida sim... um pouco grande.”.

A indignação sobre a mídia hegemônica se reflete na hostilidade que parte dos manifestantes aos veículos de imprensa. Quando perguntado sobre repúdio dos manifestantes à Rede TV, o motorista do veículo da emissora respondeu: “Teve sim. Na última segunda, teve por causa de um que começou a gritar, e o resto foi na onda. Aí foram para cima e a-

certaram a gente.”. A exemplo de um veículo de reportagem do SBT, que havia sido queimado durante uma manifestação no dia 20 de junho⁷⁴ daquele ano, a grande mídia estava sendo atacada indistintamente, apesar de as maiores críticas estarem concentradas na Rede Globo.

Ao longo da transmissão, quando questionado por um internauta, o repórter do Mídia NINJA definiu os ninjas como: “Os ninjas têm origens diversas, tem uma galera que vive só de ser ninja, tem uma que é colaborador e ajuda no final de semana, ajuda a escrever texto..., a gente fala que, se você quiser dar um abraço e ser um ninja, a gente está aceitando, qualquer coisa é válida, qualquer coisa está valendo”. Esta definição vai ao encontro do conceito de mídia alternativa de Cecilia Peruzzo:

Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos. E a participação ativa do cidadão, como protagonista da gestão e da emissão de conteúdos, propicia a constituição de processos educacionais, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do exercício da cidadania. (PERUZZO, 2006, p. 10)

Em última instância, o repórter do Mídia NINJA não é um jornalista de profissão, mas sua atuação na cobertura foi a de um profissional de jornalismo. O papel dos ninjas foi de construção de sentidos e propagação de informações. O trânsito do repórter do Mídia NINJA entre os manifestantes permitiu a cobertura de fatos que não estariam nas matérias transmitidas pelos veículos de mídias tradicionais. Cabe ressaltar ainda a parcialidade da cobertura, denunciando a violência do estado, que, em um primeiro momento, foi classificada pela grande mídia como “defesa da ordem pública”.

A ação dos ninjas reflete um mundo dominado pela cibercultura, regido pelas imagens e informações, em que o jornalista disputa com o interlocutor o campo midiático. Assim, os fatos ganham uma outra forma de existência pública e visibilidade social. A aberta parcialidade dos ninjas não contradiz a objetividade com os dados por eles apresentados, mas deixa clara a perspectiva da cobertura.

Podemos afirmar que o Mídia NINJA se caracteriza por ser uma mídia alternativa digital que se integra a movimentos sociais que, por sua vez, também utilizam a tecnologia e a cibercultura para se organizarem e mobilizarem pessoas em reuniões e protestos ao vivo.

⁷⁴ <https://oglobo.globo.com/rio/carro-do-sbt-queimado-em-protesto-8760966>.

5. *Considerações finais*

Na sociedade cada vez mais mediada pelas imagens, a cibercultura se torna um paradoxo de imediatismo e horizontalidade da comunicação, o que se reflete nas organizações sociais e no jornalismo. A internet – e o conseqüente surgimento da cibercultura – tornou possível a proliferação das manifestações de junho e julho de 2013, com seus novos atores sociais, coletivos de jornalismo independentes, como o Mídia NINJA, que protagonizaram a cobertura das mobilizações, em meio à crise de representatividade da mídia hegemônica nacional.

O imediatismo com o qual as informações circulam na sociedade conectada pela cibercultura cria um paradoxo. Se por um lado, há um excesso de informações sobre as manifestações, facilitando e incentivando seu compartilhamento, por outro, possibilita recortes e edições que simplificam a realidade e pouco comunicam sobre os fatos.

As mídias alternativas, como o Mídia NINJA, entram neste contexto como uma oposição às mídias hegemônicas, subvertendo a lógica jornalística na maneira de produzir conteúdo, aproximando e chamando o internauta para a discussão, ao mesmo tempo em que apresenta suas próprias posições, abertamente parciais e claras para o público.

Tais aspectos causaram questionamentos sobre as práticas jornalísticas e como é o fazer jornalismo em um mundo mediado por imagens. Neste sentido, cabe nos referirmos a Debord (1997):

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação. (DEBORD, 1997, p. 10)

Assim, a produção industrial de informação se reflete na banalização e na rápida substituição de símbolos e estímulos, condicionando o receptor pouca ou nenhuma reflexão acerca das informações que chegam a ele.

As manifestações de junho e julho de 2013 revelaram a crise de representatividade da mídia hegemônica. Este colapso se apresentou desde cartazes pedindo o fim da Rede Globo, principal rede de televisão do Brasil, à hostilidade e violência contra os veículos da grande imprensa.

O jornalismo praticado pelos NINJAS foi intencionalmente crítico durante a cobertura das manifestações. Ao mesmo tempo, sua parcialidade

de, aliada ao fato de que nem todos os colaboradores do coletivo são jornalistas de formação, levanta questões sobre sua objetividade no campo jornalístico. Neste sentido, o modelo do coletivo não pode ser visto como um substituto ao jornalismo clássico, mas apenas como uma mídia alternativa.

Por fim, se, por um lado, podemos ressaltar a parcialidade da cobertura, por outro, a grande exposição do Mídia NINJA na grande mídia indicou não apenas uma mudança da relação entre os jornalistas e os espectadores, mas também uma nova maneira de se fazer jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, I. S. Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, v. 8, n. 14, p.165-77, set.2003-fev.2004.

COSTA, Camilla *Sob holofotes, Mídia Ninja quer ampliar alcance*. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/08/130805_midia_ninja_cc. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

_____. *Protestos pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>. Acesso em: 08 de novembro de 2018.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos I Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: UnB, 2013.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local : aspectos conceituais e tendências. In: COGO, D.; MAIA, J. (Org.). *Comunicação para a cidadania*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

Outras fontes:

G1. *História do Jornal Hoje*. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/historia-do-jornal-hoje.html>. Acesso em: 06 de novembro de 2018.

GLOBO. PRINCÍPIOS EDITORIAIS DO GRUPO GLOBO. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 06 de novembro de 2018

MÍDIA NINJA. Site da Mídia NINJA. <http://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 21 de outubro de 2018.